

# (ARTE)IROS E AR(RUA)CEIROS: UMA PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS EM CONDIÇÃO DE RUA E A ARTE, POR MEIO DE UMA PERSPECTIVA VIGOTSKIANA

Ana Cristina Zaluchi Giroto do Couto<sup>1</sup>

André Leite Baggio<sup>2</sup>

Ronaldo Pereira Barboza<sup>3</sup>

## Resumo

O presente artigo intitulado *(Arte)iros e ar(rua)ceiros: uma pesquisa sobre a relação entre as pessoas em condição de rua e a arte, por meio de uma perspectiva vigotskiana*, utilizou-se de revisão bibliográfica com o objetivo de abordar a relação entre pessoas em situação de rua e as manifestações artísticas apresentadas no cenário das ruas. Da mesma forma problematizar as implicações psicológicas e sociais produzidas nesta vivência de rua e como a arte pode ser um mediador e/ou fonte de possibilidades para o desenvolvimento de novos significados e sentidos. Tal estudo se deu a partir dos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, desta, destacam-se os conceitos de arte, vivência, desenvolvimento humano e cultura.

**Palavras-chaves:** Arte; Psicologia Histórico-Cultural; Situação de Rua;

## (ARTE)IROS E AR(RUA)CEIROS: A RESEARCH ON THE RELATIONSHIP BETWEEN HOMELESS PEOPLE AND ART, THROUGH A VYGOTSKIAN PERSPECTIVE

## Abstract

The present article entitled *(Arte)iros e ar(rua)ceiros: a research on the relationship between homeless people and art, through a Vygotskian perspective*, used a bibliographic review with the aim of addressing the relationship between homeless people and artistic manifestations presented in the street scenario. Likewise, problematize the psychological and social implications produced in this street experience and how art can be a mediator and/or source of possibilities for the development of new meanings and meanings. This study was based on the theoretical principles of Historical-Cultural Psychology, which highlights the concepts of art, experience, human development and culture.

**Key-words:** Art; Psychology Historical-Cultural; Homelessness.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - Unipar. [ana.couto@edu.unipar.br](mailto:ana.couto@edu.unipar.br)

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - Unipar. [andre.baggio@edu.unipar.br](mailto:andre.baggio@edu.unipar.br)

<sup>3</sup> Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - Unipar. [ronaldop.babrboza@prof.unipar.br](mailto:ronaldop.babrboza@prof.unipar.br)

# (ARTE)IROS E AR(RUA)CEIROS: UNA INVESTIGACIÓN SOBRE LA RELACIÓN ENTRE LAS PERSONAS SIN HOGAR Y EL ARTE, A TRAVÉS DE UNA PERSPECTIVA VYGOTSKIANA

## Resumen

El presente artículo titulado *(Arte)iros e ar(rua)ceiros: una investigación sobre la relación entre las personas sin hogar y el arte, a través de una perspectiva vygotskiana*, utilizó una revisión bibliográfica con el objetivo de abordar la relación entre las personas sin hogar y las manifestaciones artísticas presentadas en el escena callejera. De la misma forma, problematizar las implicaciones psicológicas y sociales producidas en esta experiencia callejera y cómo el arte puede ser mediador y/o fuente de posibilidades para el desarrollo de nuevos significados y significados. Este estudio se basó en los principios teóricos de la Psicología Histórico-Cultural, que resalta los conceptos de arte, experiencia, desarrollo humano y cultura.

**Palabras-clave:** Arte; Psicología Histórico-Cultural; Situación de la calle;

## Introdução

*“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver”*  
(Bertold Brecht)

O presente trabalho tem como objetivo abordar por meio da Psicologia Histórico-Cultural, o papel da arte e sua importância para as pessoas em situação de rua. Levando em consideração que nem todas as pessoas que se apresentam e/ou se nomeiam “artistas de rua” necessariamente estão em condição de rua, e da mesma forma não são todas as pessoas em circunstâncias de rua que se definem como artistas de rua e se apresentam artisticamente neste lugar.

Entretanto uma parcela das pessoas em situação de rua identificam-se como artistas de rua, e utilizam suas manifestações artísticas no cenário das ruas para fins de sobrevivência, podendo vir a ser essa a sua única fonte de renda. Nas ruas, praças e outros logradouros públicos, bem como em ônibus, metrô e terminais rodoviários, realizam apresentações musicais, pinturas, grafites, esculturas, acrobacias, truques de mágica, ventriloquismo, danças, recitais de poesia, etc. (FELIX-SILVA; SALES; SOARES, 2016).

Mattos e Ferreira (2004) em seu trabalho *Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua* apresentam as características e os modos de vida das pessoas em situação de rua, estas vivem e sobrevivem em condições de miserabilidade, exclusão e marginalização, são estigmatizadas e tem suas vivências relacionadas ao uso de drogas e

à criminalidade. Algumas estão há pouco tempo nas ruas e ainda anseiam por uma reinserção familiar e/ou comunitária, outros, com um período maior de vivência nas ruas, geralmente já naturalizaram essa condição ao ponto de se sentirem “fadados” a viver nestas circunstâncias e não havendo possibilidades de mudanças.

Nesta mesma perspectiva, Lessa e Tonet (2008, p. 08) contribuem ao apontar que:

Submetidos a uma vida de miséria e privação, à opressão cotidiana, à competição desenfreada por um lugar ao sol, todos nós convivemos com a sensação de estarmos submetidos a um destino, a uma força, que não controlamos e sequer conhecemos. Esta vida cotidiana desumana (ou seja, não-humana) faz com que os homens sequer cheguem à consciência de que são eles que fazem a sua própria história. E, por isso, o que deveria ser uma evidência se transforma num grave problema filosófico que pode ser resumido, muito introdutoriamente, nesta pergunta: se os homens são os artífices de sua própria história, por que eles construíram um mundo tão desumano? Se a história é feita pelos homens, por que eles não têm sido capazes de construir uma sociedade verdadeiramente humana?

Haja visto que, não são os indivíduos em modo geral em situação de rua que se identificam como “artistas de rua”, é sobre esse grupo considerável de pessoas em condição de rua que realizam manifestações artísticas que voltamos nosso olhar neste estudo. Para tal, nos utilizamos dos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, desenvolvida por Vigotski (1896-1934), no cenário pós Revolução Russa (1917-1923), e fundamentada no método científico criado por Marx (1818-1883), o Materialismo Histórico-Dialético.

Vigotski em sua vida sempre se manteve ativo quando o assunto era a arte, interessado em várias atividades como poesia, cinema e teatro, ocupou diversas funções no campo da arte, tendo atuado como apresentador de novelas e de notas literárias, ator e diretor teatral, chegando a escrever inúmeras resenhas teatrais. Trabalhos estes que culminaram na produção do livro *Psicologia da Arte*, uma das suas primeiras obras (FARIA; DIAS; CAMARGO, 2019).

Barroco e Superti (2014, p. 23) compreendem a partir da uma leitura vigotskiana que “a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, compreensão que lhe permitia enxergar a potencialidade dessa elaboração humana”. Dessa maneira a arte é uma produção criativa essencialmente humana, inerente a vida humana e às relações humanas, construídas historicamente e socialmente, sendo um importante mediador para a apropriação cultural do indivíduo, que é, como o ser humano se apropria dos instrumentos produzidos pelas gerações anteriores (BARROCO; SUPERTI, 2014).

No que se diz respeito à apropriação cultural, Leontiev (1978, p. 267) explica que a mesma se dá a por meio das experiências do ser humano, a partir do seu nascimento, logo, não são herdadas biologicamente, uma vez que “[...] as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes”. Neste mesmo sentido “Podemos dizer que cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando

nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Portanto, nesta pesquisa bibliográfica, a proposta é abordar a relação entre a arte e suas múltiplas manifestações junto à população em situação de rua e qual a sua importância nesta conjuntura. Considerando que manifestação criativa da arte pode surgir como uma alternativa plural de possibilidades de modos de existência destas vidas neste ambiente às vezes tão caótico e ao mesmo tempo tão encantador que é o panorama das ruas.

### **Morador de rua, mendigo ou andarilho? Caracterizando a População em Situação de Rua**

*Estou aqui sentado na beira da estrada  
Fazendo uma fogueirinha  
Enrolando uma palhinha  
Escrevendo essas linhas  
Vendo o caminhão passar  
(Ventania)*

Como já explicitado anteriormente, nem todos os indivíduos que se manifestam artisticamente nas ruas são consideradas pessoas em situação de rua, assim sendo, é relevante esclarecer sobre qual público-alvo se direciona este estudo. A respeito dessas pessoas com trajetórias de vidas tão diversas, a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua a define da seguinte forma:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho. Sem moradia convencional regular adota a rua como o espaço de moradia e sustento (BRASIL, 2008, p. 08).

Ainda segundo a supracitada Política, as características da população em situação de ruas são infinitas, haja visto que:

São diversos os grupos de pessoas que estão nas ruas: imigrantes, desempregados, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, entre outros, que constituem uma enorme gama de pessoas vivendo o cotidiano das ruas. Ressalte-se ainda a presença dos chamados “trecheiros”: pessoas que transitam de uma cidade a outra (na maioria das vezes, caminhando a pé pelas estradas, pedindo carona ou se deslocando com passes de viagem concedidos por entidades assistenciais) (BRASIL, 2008, p. 08).

Quanto ao perfil desta população, predomina-se o gênero masculino (82%), a grande maioria com idade entre os 25 e 44 anos (53%) e que se identificam como negras ou pardas (67%);

74% aprendeu a ler e a escrever, no entanto 95% não estudam atualmente; 70,9% atuam em alguma atividade remunerada, como catador de material reciclável como latinhas, papelão, venda de artesanato, etc.; 51,9% tem algum ente familiar na cidade em que situam, porém 38,9% não possui nenhum contato com seus familiares; 95,5% não estão relacionados a nenhum tipo de movimento social e 24,8% não possui nenhum documento de identificação como RG, CPF, CNH, Certidão de Nascimento, etc (BRASIL, 2008).

Logo, a maioria desses indivíduos costuma dormir nas ruas, praças, marquises, viadutos e outros logradouros públicos (69,6%). Enquanto que 22,1% costumam pernoitar em albergues ou outras instituições de acolhimento e passagem. Os principais motivos apontados para a consequência das ruas referem-se ao uso de álcool e/ou outras drogas (35,5%); o desemprego (29,8%) e os conflitos familiares (29,1%), entretanto estes motivos citados na maioria das vezes estão correlacionados ou são consequências um do outro. Em relação ao tempo que se encontram nas ruas, 48,4% estão há mais de dois anos (BRASIL, 2008).

Atualmente a sociedade coexiste com diferentes questões sociais decorrentes de um processo de globalização, metropolização e urbanização, onde gradativamente mais pessoas utilizam o espaço das ruas como meio de sobrevivência. A situação de rua é uma questão que vem sendo amplamente debatida por várias políticas públicas em que se reconhece a necessidade de intervenção em diversas áreas, como a assistência social, a saúde, moradia, educação, saneamento básico, entre outros (ABREU; SALVADORI, 2015).

De acordo com Esmeraldo Filho e Ximenes (2021) a pobreza causa nas classes mais baixas, condições de privação, exclusão, marginalização, violação e negação de direitos, que devem ser entendidas e compreendidas a partir de várias dimensões, como por exemplo o acesso às políticas públicas básicas para sobrevivência, previstas na Constituição Federal. No caso da condição de rua, estas características comuns à pobreza podem se apresentar de maneira mais grave, com baixos níveis de educação, alto índice de uso abusivo de drogas, insegurança alimentar e péssimas condições de higiene e saúde. Dessa forma, a ruptura ou fragilização dos vínculos familiares e sociais, o preconceito e a estigmatização agravam a vivência das pessoas em condição de rua.

Sobre esta condição insalubre que permeia a vivência da grande maioria da população em situação de rua, Felix-Silva, Sales e Soares (2016, p. 47) exemplificam este cenário em que:

Cobertores sujos de restos de comida desbotados pelo tempo de um passado sem passado. Tempo suspenso. Sob esses cobertores homens e mulheres dormem como se não percebessem o sol que quase engole a terra. Prédios, carros, asfalto. Pessoas andam apressadas, desviando-se uma das outras, como num balé improvisado. Buzinas, ônibus, freios, prédios, prédios. Concreto. Nada concreto. Tudo móvel, rápido, líquido. Líquido de suor, saliva, urina, lágrima, líquido de esgoto, líquido da cerveja, do café, líquido da chuva. A mistura desses líquidos todos é o cheiro da rua, cheiro de tudo que é descartado, sujo, tudo o que não tem história. Os homens e mulheres dos cobertores desbotados sabem os segredos da rua, conhecem o cheiro da rua como se fosse o próprio cheiro do seu corpo, cheiro das coisas esquecidas (FELIX-SILVA; SALES; SOARES, 2016).

O número de pessoas vivendo pelas ruas vem aumentando de uma forma alarmante nos últimos anos e não se restringe apenas às grandes metrópoles. Em uma pesquisa realizada entre agosto de 2007 e março de 2008 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em 71 cidades do país, sendo 23 capitais e 48 municípios com população acima de 300 mil habitantes, foram identificadas aproximadamente 32 mil pessoas em situação de rua maiores de 18 anos (BRASIL, 2008).

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2022 a população em situação de rua superou o número de 280 mil. Sendo esta estimativa agravada pela pandemia da Covid-19, que afetou o país nos últimos anos, quando a porcentagem do crescimento das pessoas em condição de rua atingiu a marca de 38% do ano de 2019 ao ano de 2022.

Seguindo esse pensamento, Vieira, Bezerra e Rosa (1994, p. 93-95) apontam três aspectos que são possíveis causadores da situação de rua ou que são fatores que podem acarretar na permanência das ruas. Vejamos:

As pessoas que ficam na rua – configuram uma situação circunstancial que reflete a precariedade da vida, pelo desemprego ou por estarem chegando na cidade em busca de emprego, de tratamento de saúde ou de parentes. Nesses casos, em razão do medo da violência e da própria condição vulnerável em que se encontram, costumam passar a noite em rodoviárias, albergues, ou locais públicos de movimento.

As pessoas que estão na rua – são aquelas que já não consideram a rua tão ameaçadora e, em razão disso, passam a estabelecer relações com as pessoas que vivem na ou da rua, assumindo como estratégia de sobrevivência a realização de pequenas tarefas com algum rendimento. É o caso dos guardadores de carro, descarregadores de carga, catadores de papéis ou latinhas.

As pessoas que são da rua – são aqueles que já estão faz um bom tempo na rua e, em função disso, foram sofrendo um processo de debilitação física e mental, especialmente pelo uso do álcool e das drogas, pela alimentação deficitária, pela exposição e pela vulnerabilidade à violência.

Costa (2005) salienta que nessa circunstância, pode ser observado que o processo de criminalização da população em situação de rua é intensificado e isto pode causar, além da exclusão social, a falta de assistência às suas principais necessidades básicas. Sendo assim, por não possuírem o acesso aos principais serviços públicos como a educação, alimentação, moradia e saúde, aliado ao julgamento moral e pelo preconceito a que são submetidos pela maior parte da nossa sociedade, a marginalização e estereotipação deste público infelizmente tendem a piorar. Ceolin, Terra e Carmona (2020) nesta mesma perspectiva contribuem afirmando que:

A partir do momento que ocorre a exclusão social, os indivíduos em situação de rua acabam perdendo sua identidade, pois não se encontram e não são contabilizados como população, o que produz a sua invisibilidade dentro da sociedade. A inserção dessa população nos registros públicos tem sido a luta do movimento social da população em situação de rua, que busca uma igualdade, independentemente do local onde reside, seja na rua, ou em uma habitação tradicional (CEOLIN; TERRA; CARMONA, 2020, p. 121).

Com base na argumentação, parece evidente que a situação de rua sobrevive em condições subumanas, lidando com incontáveis dificuldades que acarretam em sofrimento físico, mental e social, nesse ambiente hostil e inóspito para quem vive em condição de rua, a pergunta que fica é: qual seria a importância e o papel (se é que existe um) da arte para a parcela das pessoas em circunstâncias de rua que se utilizam dela neste cenário?

### **Artistas de rua ou artistas nas ruas? A arte pelo viés da Psicologia Histórico-Cultural**

*Minha vida é a estrada  
Eu não ligo pra nada  
Eu só quero é cantar  
Flutuar no universo  
Ver o mundo de perto  
Ver a terra girar  
(Ventania)*

Como citado anteriormente, nem todos os indivíduos em situação de rua realizam apresentações artísticas neste ambiente, porém uma boa parte desse público o fazem habitualmente. Segundo Rodrigues e Santana (2019) a arte está presente na sociedade há séculos, em todas as culturas e em em todas as civilizações, nas variadas formas de expressão, sendo uma das manifestações mais antigas do mundo, havendo vestígios da sua existência no período pré-histórico da evolução humana, há cerca de 25.000 a.C.

Vigotski (1999) aponta que a arte é fundamental para a existência humana, que sem ela talvez a vida e o desenvolvimento humano não fosse possível. Isto porque a manifestação da arte é uma condição essencialmente humana, fruto da sua criatividade (já que o ser humano é necessariamente criativo) e do seu trabalho, entendendo o trabalho como a atividade pela qual os seres humanos transformam o mundo e produzem os objetos/instrumentos que o possibilitam existir.

Leontiev (1978, p. 265) vem de encontro a este pensamento ao ponderar que a criatividade e o trabalho é condição particular do ser humano, e que estas atividades o diferem dos demais animais “esta forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução deve o seu aparecimento ao fato, diferentemente dos animais, de os homens terem um atividade criadora e produtiva. É antes de mais o caso da atividade humana fundamental: o *trabalho*”

Seguindo esse raciocínio podemos dizer que:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte” (LEONTIEV, 1978, p. 265).

Bem como, Lessa e Tonet (2008) em uma leitura marxista, salientam que ao transformar a natureza, o ser humano também se transforma, haja visto que, ao criar um instrumento, produto de sua criatividade, tal instrumento se torna patrimônio cultural, transformador do mundo em que vive o criador do instrumento e dos outros seres humanos, contemporâneos ou das gerações posteriores que apropriação culturalmente deste instrumento. A arte é um destes infinitos instrumentos criados pela espécie humana.

Partindo deste princípio, os mesmos autores supracitados, explanam que:

O único pressuposto do pensamento de Marx é o fato de que os homens, para poderem existir, devem transformar constantemente a natureza. Esta é a base ineliminável do mundo dos homens. Sem a sua transformação, a reprodução da sociedade não seria possível. Esta dependência da sociedade para com a natureza, contudo, não significa que o mundo dos homens esteja submetido às mesmas leis e processos do mundo natural. Sem a reprodução biológica dos indivíduos não há sociedade; mas a história dos homens é muito mais do que a sua reprodução biológica. A luta de classes, os sentimentos humanos, ou mesmo uma obra de arte, são alguns exemplos que demonstram que a vida social é determinada por outros fatores que não são biológicos, mas sociais (LESSA; TONET, 2008, p. 09).

Sendo a arte um instrumento criado pelo homem, podemos nos perguntar qual a sua finalidade ou função na e/ou para a humanidade. Barroco e Superti (2014, p. 26) contribuem explicando que a arte é um importante mediador para o desenvolvimento humano: Veja:

[...] a arte pode ser entendida como um instrumento cultural mediador entre o indivíduo e o gênero humano. A função desse instrumento é reproduzir no indivíduo as características humanas conquistadas por meio do trabalho ao longo da história. Esta reprodução acontece psicologicamente com a transformação das funções mentais primitivas, elementares, basicamente orgânicas, em funções superiores, culturais e voluntárias. Tal alteração psíquica envolve o duplo processo de objetivação e de apropriação, e fomenta a generalização que provoca a ampliação qualitativa da consciência, tornando mais complexos os vínculos semânticos que a compõem.

Barroco (2007) em seu livro *Psicologia Educacional e Arte: uma leitura histórico-cultural da figura humana*, salienta que a arte possibilita o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, estas, essencialmente humanas, se formam e amadurecem culturalmente, a partir das relações do ser humano com os outros e com o meio em que vive em cada período histórico, dessa forma “ao se apropriar daquilo que já está ‘desvendado’ ele vai tornando-se mais hábil para estar no mundo, de modo a interagir com ele e com seus pares por mediações que suplantam o modo instintivo de viver” (BARROCO, 2007, p. 15).

Neste mesmo viés Barroco (2007, p. 15), explicita que é a criatividade humana que possibilita a superação do seu estado primitivo e biológico, pois, “é neste movimento de contínua



criação e apropriação que o leva a sair da condição de espécie biológica e o credencia a ser gênero humano e, além disso, um genérico particular”. A arte neste aspecto contribui para o próprio desenvolvimento não só dos indivíduos mas também da sociedade como um todo, considerando que “a arte, nesse sentido, não é vista somente como algo para o desfrute e deleite, mas como recurso para a humanização ou para a formação de tal homem, somada à ciência, à filosofia” (BARROCO, 2007, p. 15-16).

Contribuindo com este pensamento, Barroco e Superti (2014, p. 23) indicam que:

Neste sentido a arte pode ser entendida como produto cultural, mediador entre o indivíduo e o gênero humano. Ou seja, quem a produz nela cristaliza complexas atividades mentais, as quais podem ser apropriadas pelos demais seres humanos. No entanto, tal apropriação não é mecânica ou passiva. É necessário que se dê a mediação das relações sociais junto ao fruidor, de modo que nele sejam projetados os movimentos que a arte suscita. Tais relações sociais podem ser planejadas e executadas por diferentes mediadores, como o professor, que ensinaria o complexo sistema teórico e histórico dos signos estéticos; pelo psicólogo, o qual poderia usar a arte como ferramenta para promover o desenvolvimento de diferentes funções psicológicas e da própria personalidade (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

Ademais, as autoras Barroco e Superti (2014) por meio de estudos do livro *Psicologia da Arte* (Vigotski, 1999) concebem que a arte humaniza as pessoas, uma vez que a arte fruto da criatividade do ser humano, não pode ser entendida como criação de um indivíduo só (o artista), mas de toda a sociedade, pois, este indivíduo é um ser social, portanto:

A arte de forma semelhante, como ação humana intencional que recria a realidade material e transforma o próprio sujeito, sob a concepção da natureza essencialmente social e histórica do psiquismo. Uma consequência imediata dessa concepção reside em não se compreender a arte como fruto de um homem só, o artista, mas como um objeto cultural, elaborado sob dada técnica construída socialmente, com dada temática para objetivar os sentimentos e, entendemos, as demais capacidades mentais tipicamente humanas (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 24).

Vigotski (1999) destaca que onde houver um só indivíduo o social estará internalizado nele, haja visto que, este indivíduo foi desenvolvido socialmente. Sendo assim, a arte é uma questão sociocultural, e seria um erro analisar a arte apenas do ponto de vista individual e não cultural. A arte então expressa no indivíduo sua contribuição enquanto ser social e permite que o ser humano vivencie a história da humanidade, pois, a arte é um “[...] instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas ao contrário, torna-se pessoal [...]” (VIGOSTKI, 1999, p. 315). O mesmo autor continua:

A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. Por isto, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é um efeito social. A questão não se dá da maneira como representa a teoria do contágio, segundo a qual o sentimento que nasce em um indivíduo contagia a todos, torna-se social; ocorre exatamente

o contrário. A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade (VIGOTSKI, 1999, p. 315).

Barroco e Superti (2014) em seu artigo *Vigostki e o estudo da Psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano*, indicam quais são os objetivos da psicologia da arte, a partir do pensamento vigotskiano, que consiste em suscitar, desencadear, produzir e provocar (entre outros sinônimos) a transformação e excitação das funções mentais superiores (o sentimento, a emoção, a imaginação, a memória, a linguagem, o pensamento, a formação dos conceitos, etc). Olhemos:

Podemos considerar que o objeto da psicologia da arte refere-se à análise da estrutura da obra de arte, buscando apreender as funções psicológicas tipicamente humanas, inclusive o sentimento, que a obra suscita. [...]A psicologia da arte revelaria, então, as funções psicológicas colocadas em movimento pela estrutura da obra, demonstrando, assim, as leis de funcionamento da resposta estética no psiquismo, bem como as transformações provocadas no indivíduo. Assim, podemos pensar que a psicologia da arte parece ter dois objetivos essenciais: (a) revelar a vivência psicológica que a obra de arte objetiva e (b) explicar as consequências da resposta estética no psiquismo do homem (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 28-29).

Este poder metamorfoseador que a arte suscita, transformaria as funções psíquicas do ser humano, tal processo, Vigotski (1999, p. 314) vai definir como *catarse*, na medida que “[...] não basta entender da estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude”. Ainda sobre o conceito de *catarse*, Vigotski (1999, p. 270) esclarece:

[...] supomos que nenhum outro termo, dentre os empregados até agora na psicologia, traduz com tanta plenitude e clareza o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz no fundo, a essa catarse, ou seja, à complexa transformação dos sentimentos. Ainda sabemos muito pouco de fidedigno sobre o próprio processo de catarse, mas mesmo assim conhecemos o essencial, isto é, sabemos que a descarga de energia nervosa, que constitui a essência de todo sentimento, realiza-se nesse processo em sentido oposto ao habitual, e que a arte assim se transforma em um poderosíssimo meio para atingir descargas de energia nervosa mais úteis e importantes.

Segundo Vigotski (1999, p. 272) “é nessa transformação das emoções, nessa sua autocombustão, nessa reação explosiva que acarreta a descarga das emoções imediatamente suscitadas, que consiste a catarse da reação estética”. A arte neste sentido “[...] age simplesmente de modo catártico, ou seja, elucidando, purificando o psiquismo, revelando e explodindo para a vida potencialidades imensas até então reprimíveis e recalcadas" (VIGOTSKI, 1999, p. 319).

Ainda sobre este conceito Barroco e Superti (2014, p. 30) acrescentam que a *catarse*, nessa lógica, diz respeito à transformação das emoções suscitadas em um novo sentimento. Assim sendo “[...] podemos entender que essa transformação tem relação com a elevação das emoções, ou

outras funções mentais, ao nível consciente, social e universal.”

Sobre esta origem de um novo sentimento, Vigotski (1999, p. 272) coloca que “poderíamos dizer que a base da reação estética são as emoções suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda realidade e força, mas encontram a sua descarga naquela atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte”. Neste mesmo entendimento, Barroco (2007, p. 199) descreve que esta possibilidade que a arte propicia de transportar a pessoa para um novo sentimento, uma nova emoção, seria possível porque:

A Arte, desse modo, ao permitir que os indivíduos ‘saltem’ de uma época para outra ou de uma situação para outra, fornece elementos para compor um repertório mais amplo de alternativas para se comportarem, assim como lhes aumenta a chance de se verem também datados, com historicidade. Tornou-se perceptível, com esses ‘saltos’ e ‘confrontos’, que a Arte oportuniza, aos indivíduos de uma época, o reconhecimento de valores positivos e negativos, que implicam sua própria humanidade.

Estes “saltos”supracitados por Barroco (2007), que se referem à passagem de um estado a outro, e seriam possíveis porque “a arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel” (VIGOTSKI, 1999, p. 316).

Esta “passagem” ou transformação (também chamada de *catarse*) oportunizada pela arte significa que “[...] a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido” (VIGOTSKI, 1999, p. 307).

Vigotski (1999) compara essa transformação a um “milagre” quando utiliza o exemplo bíblico da transformação da água em vinho. Neste sentido, o “milagre” não consistia na água e nem no vinho, mas sim no processo de transformação - na passagem de uma coisa a outra, que mudaria o cenário original. Com isto, Vigotski ressalta que o “milagre” não está na estética em si da obra de arte, mas sim, na sua capacidade de transformar, de suscitar a imaginação, as emoções, os sentimentos. Com isso a arte “[...] supera esses sentimentos, elimina esses sentimentos, transforma a sua água em vinho, e assim se realiza a mais importante missão da arte” (VIGOTSKI, 1999, p. 307).

E falando em vinho, Vigotski (1999, p. 307) acentua que “a arte está para a vida como o vinho para a uva”, ou seja, sem uva não há vinho, assim, sem a arte não haveria vida. A vida aqui não é vista pelo viés biologicista, mas no aspecto do sentido/significado desta vida. Vigotski não está dizendo que a arte é o único sentido da vida, porém, dos elementos que fazem sentido no panorama da vida do ser humano, a arte é importante e deve estar incluída.

Vigotski (1999, p. 307) compreende que seria triste para a arte se ela não fosse capaz de nos contagiar com o sentimento do artista. “Seria desolador o problema da arte na vida se ela não

tivesse outro fim senão o de contagiar, muitas pessoas com os sentimentos de uma. Seu significado e seu papel seriam extremamente insignificantes”. Desta forma a arte excita e contagia a alma, provocando novos significados. Ainda sobre o significado da arte:

[...] nos resta examinar a questão do significado que a arte adquire, se admitirmos como justa a interpretação a que nos referimos. Neste sentido, qual é a relação da reação estética com todas as outras reações do homem, como, à luz dessa interpretação, elucidam-se o papel e o significado da arte no sistema geral do comportamento humano? Sabemos que até hoje essa pergunta tem sido objeto das mais diferentes respostas, como tem sido variadíssima a avaliação do papel da arte ao qual alguns autores atribuem o maior dos méritos, enquanto outros o equiparam ao simples divertimento e lazer. Compreende-se perfeitamente que a apreciação da arte estará sempre na dependência da interpretação psicológica que dela fizermos. E se quisermos resolver o problema da relação entre arte e vida, se quisermos colocar o problema da arte no plano da psicologia aplicada, devemos estar munidos de alguma concepção teórica geral que nos permita uma base sólida para a solução dessa questão (VIGOTSKI, 1999, p. 303).

De acordo com Souza et al (2022) para a população em situação de rua que se manifesta artisticamente, a arte pode ser um importante instrumento transformador, capaz de modificar a sua realidade e transportá-los catarticamente para outras esferas além do ambiente hostil das ruas. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, em uma pesquisa sobre a arte junto às pessoas em condição de rua, Souza et al. (2022, p. 65), trás um importante relato coletado de um artista em situação de rua, na qual o mesmo, sublinha que:

A arte e a cultura tem o poder de transformar um ambiente hostil em um ambiente de convivência, e foi isto que eu testemunhei e vivi durante o meu período de vivência em situação de rua. A questão não é o que é oferecido, mas sim o que ansiamos: a arte é revolucionária, mas é necessário detectarmos o que cada indivíduo que vive nas ruas se identifica em relação aos trabalhos de arte, que vai desde o batuque, teatro, pintura e etc [...]. A rua possui vários talentos, cada um com sua arte, mas é necessário tentarmos visualizar e incentivar a arte com a qual cada um se identifica, o que tem afinidade, deste modo inicia-se o processo de incentivo.

Souza et al. (2022, p. 76) dissertam que “os trabalhos de Arte e Cultura com a população em situação de rua trazem um processo que está além da inserção, inclusão, evolução ou transformação de vida do indivíduo que participa de tais atividades”, entendendo que por meio da expressão da atividade artística, mesmo em um espaço carregado de sofrimento, em meio a tantas dificuldades “[...] é nítida a quebra de barreiras, alguns preconceitos e estereótipos por parte de uma sociedade que quase sempre (senão sempre) é induzida a aceitar o fato distorcido de que a população de Rua é generalizadamente composta por pessoas com vidas resultantes do crime (SOUZA et al. 2022, p. 76).

A partir desta leitura, podemos dizer que o processo artístico com a população em situação de rua “[...] ajuda não só quem participa, mas também a todos que contribuem e a sociedade em geral que passa a enxergar os talentos e as potências artísticas de pessoas que muitas vezes tem seus talentos enterrados em meio a papelões e as dores e dificuldades de se viver na rua” (SOUZA et al. 2022, p. 76). Assim a arte pode significar para a pessoa e circunstância de rua ser o que jamais foi

antes, não no sentido literal de sua existência, mas enquanto devir (vir a ser) outro, a partir da metamorfose e do contágio artístico.

## **Considerações finais**

Mediante os estudos realizados foi possível compreender a complexidade que envolve as pessoas em situação rua, as incontáveis causalidades que acarretaram nessa condição e a trajetória nas ruas carregada de preconceito, estereótipos, violência, exclusão e marginalização. Neste aspecto a arte se apresenta como um recurso ímpar de ressignificação da dura vivência nas ruas.

Souza et al. (2022) acentua que ao atuar junto a este público, a arte se transforma em uma ferramenta poderosa na produção de novos significados e novos sentidos para estas vidas nômades muitas vezes já destituídas de qualquer motivo e forças para lutar pela sua autonomia, pela sua condição de ser humano ativo, pela sua cidadania.

Nesta óptica, Barroco (2007) o profissional da Psicologia, ao trabalhar mediado pela arte, pode promover o verdadeiro sentido da arte, este sentido da arte vai muito além da configuração do artista, dado que ultrapassa os limites da obra de arte em si, desse modo, o sentido da arte não está contida na obra de arte propriamente dita, mas sim na reação e estimulação das funções psicológicas superiores, pois, a arte “[...] permite que se experienciam intensidade e gama de emoções que, ao serem voltadas à prática cotidiana, podem se apresentar de modo mais elaborado, mediatizado” (BARROCO, 2007, p. 198).

A mesma autora, ao refletir sobre o sentido da arte e a importância da arte, discorre que:

[...] a Arte humaniza. Com seus inúmeros símbolos, signos e significados, ela abre as portas para novas aquisições, para o enriquecimento das experiências do artista e do fruidor. Este, ao se deparar com o desafio de desvendar o que nem sempre lhe parece claro, lógico e completo, precisa atribuir sentido ao que o outro realizou. Precisa levantar, assim como o artista, elementos que foram postos entre homens e, apropriar-se deles. Isso permite a realização de novas conquistas, atividades, descobertas, o que direciona para o estabelecimento de outras representações. Por esse aspecto, a Arte leva ao domínio de um conteúdo posto, e uma compreensão mais ampla do já visto, dito, ouvido ou lido, enriquecendo o acervo pessoal e da humanidade (BARROCO, 2007, p. 199-200).

Em suma, é oportuno mencionar o caráter ressignificador da arte proposto por Vigotski (1999, p. 320) ao sintetizar que “a arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela”.

Barroco (2007) aborda que o profissional da Psicologia pode trabalhar a arte como mediador para a transformação do indivíduo, mas não somente neste aspecto individual, mas também no aspecto coletivo e social, uma vez que a arte assim como é transformadora, também é libertadora, considerando que a arte pode proporcionar “[...] diferentes maneiras do existir humano, das ações e

reações humanas, que promovem as mudanças estruturais e conjunturais da sociedade” (BARROCO, 2007, p. 197).

Por seu caráter libertador, Lima (1960, p. 47) entende que devido a isto, a arte não pode ser exclusividade da burguesia, haja visto que, obviamente perderia esta característica transformadora, pois “[...] quando as artes se tornam privilégio das classes ricas e a má distribuição coloca as massas miseráveis em face das elites altamente cultas, as artes perdem o seu caráter libertador para passar a serem elementos de dissociação e incompreensão entre os grupos de uma nacionalidade”.

Em conclusão, entende-se a partir do pensamento de Vigotski (1999) de que essa atividade “transformadora”, “catártica”, “milagrosa” e “contagante” da arte não nada de “misterioso”, de “místico”, de “enigmático”. Muito pelo contrário, o “poder” da arte não exige nenhuma explicação que o profissional da psicologia não possa encontrar na vida real, concreta e objetiva do ser humano em processo de mediação psicológica.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, D.; SALVADORI, L. V. **Pessoas em Situação de Rua, exclusão Social e Rualização: Reflexões para o Serviço Social**. Seminário Nacional de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BARROCO, S. M. S. **Psicologia Educacional e Arte: uma leitura histórico-cultural da figura humana**. Maringá: Eduem, 2007.
- BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. **Vygotski e o estudo da psicologia da arte: Contribuições para o desenvolvimento humano**. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 2014, p. 22-31.
- BRASIL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Brasília/DF, 2008.
- CEOLIN, B.; TERRA, I. C.; CARMONA, R. **População em Situação de Rua: Estudo da Realidade Viva**. *Caderno Humanidades em Perspectivas* | v. 4, n. 8 - 2020.
- COSTA, A. P. M. **População em situação de rua: contextualização e caracterização**. *Revista Virtual Textos a Contextos*. n. 4. dez. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/fass/article/view/993>
- ESMERALDO FILHO, C. E.; XIMENES, V. M. **Pobreza e pessoas em situação de rua: uma revisão sistemática**. *Psic. Pesqui.* V. 15, 2021.
- FARIA, P. M. F.; DIAS, M. S. L.; CAMARGO, D. **Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 71 (3): 152-165.
- FELIX-SILVA, V. A.; SALES, R. C. M.; SOARES, G. P. **Modos de viver e fazer arte de pessoas em situação de rua**. *Psicologia Social Comunitária e Saúde Mental*. *Estud. psicol. (Natal)* 21 (1). p. 46-57. Jan-Mar, 2016 .
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **População em situação de rua supera 281,4 mil pessoas no Brasil**. 2022.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. p. 261-284.
- LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- LIMA, A. A. **Problemas de estética**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. **Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua**. *Revista Psicologia e Sociedade*, n. 16, p. 47-58, mai/ago, 2004.

RODRIGUES, V. G.; SANTANA, L. K. A. **A Música que Toca: Um Olhar da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski Sobre os Impactos da Música no Sujeito.** Revista Mosaico. 2019 Jul Dez: 10 (2): 66-72.

SOUZA, A. L. B. et al. ArRUAça: histórias de arte, luta e construção em rede com e para as Pessoas em Situação de Rua. In: XIMENES, V. M.; ESMERALDO, A. F. L.; ESMERALDO FILHO, C. E. **Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022. p. 61.

VIEIRA, M. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. (Orgs.). **População de rua: quem é? Como vive? Como é vista?.** Biblioteca Virtual em Saúde, São Paulo, Hucitec, São Paulo, 2 ed, 1994. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-160834>

VIGOTSKI, L. S. (1999). **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes.